

PREFÁCIO

Como alguém que arrou em campos pós-modernos e podou arbustos da hermenêutica desconstrutiva, tenho a alegria de apresentar e comentar a obra do teólogo do século 17 que nos leva ao próprio coração da fé, da esperança e do amor puritano. Apesar de minhas diversas incursões aos vários tipos de teologias pós-liberais e pós-conservadoras – ou talvez por causa delas – o estudo da comunhão com o Deus trino de John Owen me surpreende com um significado especial, até mesmo contemporâneo, por três ou quatro razões.

Em primeiro lugar, muito tem sido feito sobre o interesse recente do “renascimento” da teologia trinitariana que começou com Karl Barth e cresceu ao longo do século 20, até que atingiu o *status* de “movimento” por volta de 1980. Um dos testes conclusivos mais importantes dos dias atuais para teólogos refere-se ao quanto alguém aceita (ou entende!) a Regra de Rahner: “A Trindade econômica é a Trindade imanente, e vice-versa”.

A abordagem que Owen faz da doutrina da Trindade, levando-se em consideração o pano de fundo da presente discussão, é de fato impressionante. Owen caminha em uma linha tênue que equilibra unicidade e trindade, enfatizando nossa comunhão “com cada pessoa distintamente” enquanto, ao mesmo tempo, insiste que ter comunhão com cada pessoa é ter comunhão com um só Deus. Talvez, uma vantagem da abordagem de Owen sobre muitas abordagens contemporâneas seja o fato de ele ser capaz de preservar a distinção do amor do Pai enquanto, simultaneamente, enfoca Cristo como aquele que é o único que faz esse amor conhecido.

Um segundo ponto: já foi dito que o cristianismo não é uma religião, mas um relacionamento pessoal. Owen concorda que a teologia é relacional; contudo, a exposição que faz de nosso relacionamento com Deus tem pouca semelhança com uma maneira descuidada que, às vezes, se vê na teologia e na adoração simplista ou com o modo reducionista que acaba surgindo na teologia erudita, que define as pessoas como “nada além de” relacionamentos e que vê o relacionamento Deus-humanidade em termos de uma mutualidade insípida. *Comunhão com o Deus trino* é leitura indispensável para todos os que querem se aprofundar no significado da relação com as pessoas, diferente do que se vê tipicamente na teologia *pop*, que é um barco que flutua somente na superfície psicológica da questão.

O evangelho é a boa-nova de que em Cristo há união e comunhão com Deus. De acordo com Owen, a comunhão envolve “relacionamentos mútuos” entre Deus e os seres humanos – dar e receber – mas isso não significa que Deus e o ser humano são iguais. Somente Deus pode realizar a união que estabelece e realiza a subsequente comunhão. Os seres humanos apreciam a comunhão com Deus, mas só por meio de uma participação ativa do que Deus fez unilateralmente por eles em Cristo, por intermédio do Espírito. Owen pode ter aqui algo a ensinar para a teologia contemporânea com respeito à natureza da participação humana na vida trina de Deus – ou seja, a participação, como a comunhão em si, não é uma ficção legal nem uma piedade inoperante, mas é antes a comida e a bebida da vida cristã. Nós nos apropriamos da amizade que Deus nos oferece pela operação de sua Palavra e do Espírito, bem como por nossas faculdades humanas naturais.

A terceira característica significativa é a ênfase de Owen na teologia para uma adoração correta e uma prática fiel. Aqui também a teologia do século 21 está brincando de pega-pega com os puritanos enquanto procura maneiras de coordenar a teoria e a prática, tanto informalmente, na vida diária, quanto formalmente, na instrução teológica. A obra de Owen proporciona o equilíbrio certo, ajustando a experiência espiritual com a exegese bíblica e o rigor argumentativo com a aplicação pastoral.

“Oro a Deus de todo o meu coração que eu possa me cansar de todas as coisas, menos de conversar e ter comunhão com ele” (conforme carta a John Hartopp). Essa oração mostra a quarta maneira na qual *Comunhão com o Deus trino* tem algo a contribuir com minha própria obra em andamento. Como alguém que tem visto grande potencial na ideia da Escritura como formada pela ação da fala de Deus, sinto-me encorajado e desafiado pela maneira como Owen relaciona comunhão com comunicação: “Nossa comunhão... com Deus consiste na comunicação de si mesmo a nós e nossa resposta a ele em relação ao que requer e aceita, fluindo da união que temos com ele em Jesus Cristo...”. Ao falar sobre “comunicação”, Owen tem em mente todo o tipo de autoentrega divina, não só a verbal e a cognitiva. Quanto a isso, a ênfase de Owen, uns 300 anos antes de Barth, sobre Cristo como o “meio de toda comunicação” entre Deus e nós é algo particularmente notável.

Conquanto Owen tenha nascido no ano da morte de Shakespeare, seus escritos são um tanto quanto menos acessíveis. O que encontramos na obra de Owen é basicamente um soneto santo, com uma extensa introdução e uma análise prolongada: “Não permita no casamento de mentes verdadeiras que eu aceite impedimentos”. A comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito começa com o amor de Deus por nós e termina com nosso amor por Deus. A comunhão com o Deus trino é mais doce e ainda mais profunda que uma amizade humana ou qualquer relacionamento humano.

Em resumo: a obra de Owen prevê conclusões modernas e pós-modernas sem cair em algumas das armadilhas nas quais esses movimentos tendem a cair. Ainda que John Bunyan provavelmente não tivesse John Owen em mente quando escreveu sobre a Casa do Intérprete em *Pilgrim's Progress*, os cristãos hoje podem, no entanto, descobrir que Owen é um guia confiável para a maneira trina da Palavra.

Kevin J. Vanhoozer

Professor pesquisador de Teologia Sistemática
Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois.